

A SUBSTÂNCIA DOS DIAS CALDENSES

Ludmila Menezes Zwick¹

Resumo: este artigo visa rememorar o escritor poços-caldense Jurandir Ferreira (1905-1997) através de vários trechos de entrevistas realizadas com amigos e parentes do escritor em 2001. Os entrevistados foram os senhores Resk Frayha, Benedicto Cauby Ferreira e Silva, Chico Lopes, Benedictus Mário Mourão, Marcos Vinícius de Moraes e Antônio Cândido de Mello e Souza, e as senhoras Olga e Beatriz Monteiro.

Palavras-chave: Jurandir Ferreira, Poços de Caldas-MG, entrevista.

THE SUBSTANCE OF POÇOS DE CALDAS' DAYS

Abstract: this article aims to recall the writer of Poços de Caldas, Jurandir Ferreira (1905-1997) through several excerpts from interviews conducted with writer's friends and relatives in 2001. Respondents were Mr. Resk Frayha, Benedicto Cauby Ferreira e Silva, Chico Lopes, Benedictus Mário Mourão, Marcos Vinicius de Moraes, Antônio Cândido de Mello e Souza, Mrs. Olga and Beatriz Monteiro.

Keywords: Jurandir Ferreira, Poços de Caldas-MG, interview.

Um coração a uma cidade²

Sua alma é altruísta e modesta, condescendente e discreta [...] essas qualidades nada trazem de bom ao indivíduo que as possui, visto como, por serem tão extraordinárias, passam sempre como coisas absurdas às quais os homens que se consideram esclarecidos jamais prestam a menor atenção. As qualidades realmente superiores são inacreditáveis ou todos procuram obscurecê-las, quando não procuram tirar delas o melhor partido para si (FERREIRA, 1972, p.99).

Quem tem o coração permeado pelos espaços de uma cidade sabe muito bem que esse fenômeno ocorre em função do que são esses espaços e toda a subjetividade do tempo de uma vida curta a cruzar por outras vidas curtas que merecem a tessitura do nobre fio do tapete

¹ Mestrado em Estética e História da Arte e doutoranda em Cultura e Literatura Russa.

² No ano de 2001 realizei um trabalho de iniciação científica na Pontifícia Universidade Católica de Minas, campus Poços de Caldas-MG; este trabalho me proporcionou algo além dele mesmo, pois inicialmente acreditava que meu grande ganho viria do contato com a obra de Jurandir Ferreira, mas ainda recebi ganhos além deste, desde o contato com a história dos locais da cidade ao afeto por alguns destes lugares e, principalmente, o afeto por algumas pessoas. Dentre todas elas não posso deixar de destacar a irmã do autor, com a qual tive quase uma década de amizade, Graciema Ferreira, a quem dedico e pretendo prestar uma última homenagem através destas linhas. Na ocasião fui recebida por pessoas de nobre generosidade, de cujas entrevistas, apenas mencionadas em um jornal local, mas não publicadas, reproduzirei trechos substanciais para que não se percam.

atemporal da escrita que visa registrar os fatos cotidianos, para elevar o comum à categoria do extraordinário deambular pela realidade que, por ser simples e bela, não precisa conchamar por atenção. É toda a conjunção de estrelas no céu, a geométrica localização da montanha, a conferência de árvores pelo caminho, a organização das nuvens mutantes e do vaivém de todos os aspectos da natureza, das construções e da observação dos passantes que vigoraram na imagem farfalhante desse registro da escrita.

A realidade observada e analisada é, deste modo, o ponto de partida para a elaboração dos textos jurandianos; são imagens percebidas que se sucedem e se sobrepõem para estruturar o compósito do texto. Do pequeno espaço de sua cidade, ele compreende os processos mais abrangentes de uma sociedade que não se encontra cerceada na Poços de Caldas, mas além desta.

As entrevistas³

Na “quieta substância dos dias”, Poços de Caldas é esse “céu entre as montanhas”; é também o lugar onde nasceu na primeira hora do dia 2 de setembro, do ano de 1905, Jurandir Ferreira, filho de Dona Benvenida, uma senhora de família tradicional mineira, mãe de família e dona de casa, e de Lourenço Ferreira, do apelidado Armazém das Pedras, onde depois viria a ser a Farmácia Rosário, homem que, de acordo com o Sr. Resk Frayha, não tinha a cultura de Jurandir, mas era um curioso quanto à mineralogia.

Por ocasião da entrevista com o Sr. Resk Frayha, este me conduziu ao atualmente denominado Chalé dos Frayha, mostrando-me lá um mapa da cidade de Poços de Caldas datado de 1865, feito na Alemanha, e explicando que este era resultado de um levantamento feito antes de 1860; o tempo passava de outro jeito, as coisas tardavam a chegar. Em seguida me apontou o piano, presente do rei de Portugal à baronesa, os quartos pequeninos daquela época e explicou-me que a chácara onde se situa o chalé citado por Jurandir em sua obra “ocupa este quarteirão e foi feita pelo barão de Itacuruçá, que morava no Rio de Janeiro e era

³ Embora tivesse elaborado algumas questões que seriam respondidas por todos – uma entrevista dirigida – percebi que essa praticidade me faria perder referências importantes; então, à exceção de uma delas, a de Antônio Cândido, que me foi enviada por carta, as demais foram gravadas e são menos direcionadas. Na primeira ocasião em que Antônio Cândido me recebeu em São Paulo, ele falou por uma tarde sobre Jurandir e sobre literatura, mas não gravei. Na segunda ocasião, em Poços, o Sr. Antônio Cândido e o Sr. Resk Fraya falaram por algum tempo comigo e com meu orientador, o professor Gérson Pereira Filho, mas não caberia gravar; contudo, o Sr. Antônio Cândido me solicitou que lhe enviasse as perguntas por carta. As demais entrevistas gravadas foram parcialmente direcionadas, embora, naturalmente, nem todas as horas gravadas nas fitas pudessem ser utilizadas.

casado com a filha do conde de Bonfim. Aqui era uma espécie de quinta, onde ele colocou móveis de madeira e plantou muitas árvores frutíferas, de todos os tipos, inclusive frutas raras.”. Para Jurandir, o genuíno em arquitetura era grande parte obra de Pansini: “De sua autoria são a antiga residência do barão de Itacuruçá, hoje pertencente aos Frayha, os Chalets da família Cristiano Osorio, os antigos escritórios da Empresa de Força e Luz” (FERREIRA, 1991, p.74).

O Sr. Resk Frayha contou que conheceu Jurandir quando este ainda era rapazinho, já era dono da farmácia Rosário e distribuía leite para os pobres, ou seja, quando o escritor tinha seus vinte e poucos anos; “um moço sempre muito bem vestido, elegante, já escrevendo nos jornais de Poços de Caldas. Um farmacêutico escritor”. O Sr. Resk lembrou-se que após um tempo Jurandir fechou a farmácia e se dedicou apenas ao que mais gostava e que tinha a ver com sua personalidade, as análises laboratoriais, o que lhe permitia ficar fora das vistas. “Era um excelente laboratorista de análises”, e também “um grande amigo meu, um dos maiores escritores de Minas, não só pelo estilo de escrever, mas também pela pureza. Sou um grande admirador dele, o seu estilo próprio com um português riquíssimo. Hoje não se aprende português, são tantas reformas que a língua termina sendo incompreendida; Jurandir era um purista da língua, acredito que ele teria se destacado numa destas grandes universidades do país como o Antônio Cândido.” Na entrevista ele mencionou a amizade de Jurandir e de Antônio Cândido, bem como a sua amizade com o mesmo. “O Antônio Cândido é brilhante! Quando era criança ficou um ano na França porque o pai dele foi estudar a montagem das Thermas Antônio Carlos, foi buscar o que havia de melhor na Europa para aparelhar as Thermas. Antônio Cândido voltou falando perfeitamente o francês, ele sempre foi estudioso da literatura brasileira e da história universal, na escola muitas vezes ele sabia tanto ou mais que os professores; sempre foi um menino de talento. O conheço desde o primeiro ano de ginásio, desde os onze anos de idade. Naquele tempo era o Mackenzie de Poços de Caldas, em 1932 o Mackenzie se retirou e a prefeitura assumiu, portanto quando cursamos o terceiro e o quarto ano o colégio já era municipal, quando passamos para o quinto ano a prefeitura transferiu o ginásio para os irmãos Maristas e foi neste ano que tivemos que nos separar porque o colégio não tinha mais o quinto ano. Cada um foi para um canto, mas nós sempre continuamos amigos, desde essa época. Ele sempre que vem, me visita.”

As Thermas Antônio Carlos são um tema recorrente nas crônicas de Jurandir:

O menino homem chamava-se Francisco Lacrônico, o mesmo que no ano

seguinte, na manhã garoenta de 8 de janeiro de 1928, era admitido como servente de pedreiro pelo mestre de obras das Termas Antônio Carlos [...] Inauguradas as Termas em 1931, Chiquinho Lacrônico passou aos serviços balneários, começando também nas funções mais modestas [...] nestes trinta e nove anos de convivência, ou de simbiose, acabaram-se parecendo, se identificando. Se algum dia ficarem sem ele, as Termas se encontrarão em estado de viuvez, carecentes duma presença assídua, duma ternura constante, duma felicidade incondicional e sem limites (FERREIRA, 1991, p.191).

Na entrevista com o Sr. Benedicto Cauby Ferreira, este menciona o esquecimento de um escritor como Jurandir, um homem “superdotado, surpreendente pela precocidade. Aprendeu a ler aos três anos; era tido como orgulhoso por ser tímido. Andava feito santo pela timidez e por medo de ser arranhado, sempre detestou a profissão, pois queria ser médico”, terminou cursando farmácia em função da crise financeira da família, “mas de coração era médico”, era alguém dedicado às questões sociais de sua gente, mas, “a cidade tem memória quando precisa de você”. Ao falar de Jurandir, Cauby se lembrou da morte de seus outros irmãos, “o psiquiatra mais famoso da região, que morreu num acidente com arma, isso me marcou” e ainda os dois outros irmãos mortos pela tuberculose. Os irmãos estão todos juntos no cemitério, “um desses dois é Moacir Ferreira, seu irmão mais velho, homem brilhante que morreu tuberculoso; Jurandir tinha horror à doença”. É bem provável que parte das impressões dos entrevistados, assim como as impressões que as pessoas possuem umas das outras, tenha certo vínculo com elas mesmas. Cauby era médico, então sua opinião está associada ao seu próprio ofício, mas fato foi que Jurandir Ferreira exerceu profissionalmente, durante quase toda a vida, o ofício de farmacêutico bioquímico, o que, de certa maneira, também se torna indissociável de seu ofício de escritor. Ele próprio nos fornece mais indícios de que não seria um homem de palco, mas de coxia, que preferia analisar exames a atender na farmácia; em “De mim mesmo e da pinta de Doutor”, escreveu:

Era enorme essa minha trabalhadeira de detetive de laboratório, policiando, farejando com testes e reações, às vezes durante dias a fio, o que estava errado com uma ou outra droga, sou (em parte) contra fraudes e falsificações no terreno social e moral (FERREIRA, 1991, p. 101).

E ainda:

Minha vocação não era e não é a do médico. Era a deste setor da medicina onde os problemas da doença se tratam quase sempre longe do doente, como os problemas da terapêutica, da bioquímica, da bacteriologia, da toxicologia etc. (*ibid.*, p. 103).

Certa tarde rumei para a casa de Benedictus Mário Mourão, para quem o Jurandir faz uma belíssima homenagem no livro *Da quieta substância dos dias*. “Eu fui muito amigo do Jurandir, ele era um homem extraordinário que só teve um erro, morar em Poços, ele deveria ter ido para o Rio ou São Paulo porque sua cultura literária era uma coisa louca, já escrevia aos quatro anos”.

O senhor Benedictus Mário Mourão me recebeu com chá, nobreza e todos os seus livros, apresentou-se como um escritor científico, contou que havia sido diretor das Termas por dez anos e criticou a gratuidade que imperava no local: “mais de sessenta por cento de pessoas locais não pagam, e na sauna chega a noventa, tudo gente que poderia pagar! Na época das eleições, os políticos para fazer voto pedem essa gratuidade, então aquilo virou uma bagunça. Esses apadrinhados pelos políticos eram exigentes, não queriam fila e menos ainda esperar, consegui acabar com isso por um tempo [...]. Fizeram as Termas errada, tiveram a preocupação de ventilar por causa do cheiro de ovo choco, tiraram os vapores, mas a água não atravessa os poros e sim os vapores. Escrevi todos esses livros e não me consultaram na época, vieram os sábios da capital, os daqui não foram consultados, dentre eles eu, Aristides de Mello e Souza, Dr. Fabrino, Mário Mourão, o Dr. Agneu Leite Filho, pessoas de fama internacional. Você passa pelo lado de fora e as janelas estão abertas, um absurdo! Aquele cheiro é o gás sulfídrico! Os vapores que vêm de mil e quinhentos metros é que curam”.

Voltando ao Jurandir: “o pai dele era um lutador, mas ele não pôde estudar no Rio ou São Paulo, fez faculdade em Pouso Alegre, ao voltar para Poços foi ser empregado na Farmácia até que, inteligente como era, fundou a sua farmácia Rosário. Naquele tempo a indústria de medicamento era restringida, o que valia era a receita do médico conhecida como forma galênica, cada médico era especialista em um tipo de remédio. A farmácia dele ficou afamada, mas ele a vendeu para se dedicar totalmente à literatura, ficou também com a parte laboratorial; teve uma sorte extraordinária porque se casou com uma senhora intelectual, a Elza era uma grande escritora, mas não se aproximava do Jurandir, no entanto creio que foi um casal feliz porque só pensavam em ler. A casa tinha livro em todo lugar, na Rua Rio de Janeiro. Teve um laboratório afamado, mas com a folga financeira também vendeu, queria ser escritor! Conheci muito a família do Jurandir, o pai dele era comerciante e a mãe uma senhora que deixou seu nome na cidade, a Dona Benvinda Ferreira, a maior doceira que passou por aqui, fazia doces para aumentar o rendimento familiar porque eles tiveram uma penca de filhos, de maneira que ela fazia doces e ensinou as filhas, mas elas tenderam para o lado intelectual”. Refiro-me à dona Graciema Ferreira, e ele diz: “a conheço demais, é um pouco

mais velha que eu, ela foi nossa vizinha de apartamento, convivi muito com ela, além de irmã, é uma fã do Jurandir, muito dedicada”. Ele finalizou lembrando que estudaram, ele e Jurandir, em Santa Rita do Sapucaí, em tempos distintos, em uma espécie de ginásio.

Na Rua Prefeito Chagas, sala da então Academia Poços-caldense de Letras, me recebeu em entrevista o presidente, o Sr. Marcus Vinícius de Moraes. Ele começou dizendo que em Poços havia funcionado até aproximadamente a década de cinquenta um clube que se chamava Sociedade de Cultura e Arte, presidido pelo Jurandir; o clube era menor, então ele inicialmente havia sofrido certo preconceito por querer fundar uma Academia [...]. Durante a existência da Academia, “o Jurandir vinha em uma ou outra reunião, inclusive em 1997 nós demos um prêmio para ele, que foi contra a dimensão da Academia, não contra a ideia propriamente dita. Ele acreditava ser algo muito majestoso, mas fato é que somos do interior e não vivemos fazendo badalações, como a Academia não tem muito dinheiro também não tem muita pompa”.

Jurandir ocupou a cadeira de número 39 da Academia Poços-caldense de Letras, da qual recebeu expressiva homenagem quando completou 92 anos, em 1997. Apesar desse reconhecimento pela via pública de pertença a uma instituição, o autor parece não demonstrar muito entusiasmo com esse título; no conto “Letras maiúsculas”, toma seu partido:

Não são as boas letras que fazem um bom candidato a uma academia de letras. Muitas vezes o candidato não precisa nem mesmo ter boa caligrafia. Não há quem não lembre logo meia dúzia de nomes de acadêmicos, mortos ou vivos, sem se lembrar de nada que hajam escrito. Ou porque na verdade não tinham, ou porque isso nada representava. Entretanto, ninguém poderá negar que esses personagens eram homens eminentes e que não deixaram de fazer bonita figura entre as “poltronas verdes”. De mais a mais, quem faz o acadêmico é mesmo a academia (FERREIRA, 1991, p. 143).

Com o Sr. Chico Lopes, encontrei-me em duas ocasiões, ambas à tarde numa cafeteria do centro da cidade. Ele iniciou comentando a timidez do autor e concluindo que “quando uma pessoa é de fato simples, os orgulhosos tendem a chamar o simples de orgulhoso”. Ele seguiu dizendo que não via o Jurandir como alguém à moda antiga, mas um cavalheiro nato, sempre vestido com formalidade, um homem do século passado com a etiqueta de seu tempo. Um homem lúcido, irônico e de fina educação que lutava contra o que julgava negativo, e ele considerava o ritmo da evolução do progresso muito acelerado. Não conseguia dialogar com pessoas que tivessem essas ideias de mundo selvagem, se sentia um pouco deslocado. “Durante quase quatro anos tive um contato estreito com o Jurandir. O

conheci na Casa de Cultura (Instituto Moreira Salles). Quando estava apresentando um filme, notei que havia um senhor que era frequente todos os domingos na mesma cadeira, então perguntei a ele se este era Jurandir Ferreira, ele disse que sim. Era uma honra que ele me recebesse em sua casa, à medida que o conhecia eu gostava mais dele porque era realmente uma pessoa especial. Ele sempre dizia quando eu perguntava como estava que ‘estava arrastando as chinelas’. Ele se queixava um pouco dos percalços da idade, mas jamais reclamava, era um tipo de pessoa que se estivesse tendo algum problema jamais falava disso. Isso era uma elegância, porque ele preferia não se queixar e passar sempre o lado mais leve da vida, o lado bem-humorado de todas as coisas. Se não pudesse te dizer algo agradável, preferia ficar calado, sem deixar de ser franco”. O Sr. Chico Lopes falou da serenidade de Jurandir, sua estima por autores franceses como Anatole France e que, na ocasião de suas visitas, o autor residia sozinho na Rua Ouro Preto, lamentando nessa casa grande a perda de Dona Elza. Não gostava de televisão e nem de nada de música moderna, apenas ouvia Chopin, sendo um homem da época da beleza e da harmonia silenciosa; para ele, “Poços, quando esta era uma cidade pequenina de dez mil habitantes, era o verdadeiro paraíso terrestre”. O que pode ser constatado no conto “A visita”:

Só visito os santos e os lugares sagrados do meu hagiológico particular, os meus raros amigos. Deles pelo menos estou certo de que não têm televisão. Ou, se têm, sei das horas em que por sua vez se encontram imperturbados e felizes ante o pequenino e convexo horizonte do vídeo, onde tão bem se acomodam todos os vazios, inclusive os imensos vazios da alma, os tenebrosos, densos vazios da angústia aberta em cada peito e que acode a cada oferta de ternura, de sonho e de consolo, mesmo que essa oferta venha do próprio coração das máquinas. Porque é afinal a máquina que está embalando maternalmente o homem moderno, órfão de si mesmo. É ainda a máquina que distribui a cada qual um pouco do encanto cotidiano um pouco da sua poesia industrializada, muitas vezes a única a nosso alcance nos supermercados de emoções em que vivemos (FERREIRA, 1977, p. 3-4).

O Sr. Chico Lopes prosseguiu comentando que a característica que mais se destacava na obra de Jurandir era o seu grande amor por Poços de Caldas, começando em *O céu entre as montanhas*, e mais além, na obra *Da quieta substância dos dias*, sendo na verdade um grande propagandista convincente da cidade; “sua literatura me fez amar a cidade, esta que ele amava”. Não sendo de Poços e sim de Belo Horizonte, como morador local de uma década, o Sr. Chico se considerava um cidadão local, por afeto. “Poços gosta de lembrar do passado, porque seu passado é de glória, ao contrário de muitas outras cidades...”. Quando perguntado se teria alguma influência de Jurandir em sua obra, o Sr. Chico Lopes respondeu-me:

“gostaria de ter, seria uma influência bastante favorável, mas acredito que entre eu e ele há um abismo de gerações [...]. O Jurandir é de uma época mais bonita, um pouco mais romântica, menos sofrida, não que ele não conhecesse os sofrimentos e as ironias da vida, mas sua visão era mais disciplinada. A geração que represento tem uma relação mais angustiante com a realidade. Bem que eu gostaria de ter um terço do talento dele, porque o Jurandir tinha um domínio do idioma, uma grande capacidade de transformar a realidade em coisas elegantes com um toque de amabilidade, sutileza e bom humor. As crônicas dele são maravilhosas, acho que dificilmente a cidade terá um escritor à altura dele. Ele passa a ser realmente um modelo, posto que todo modelo esteja sempre lá no alto, o imitamos, mas não chegamos perto. Imitar faz parte da concepção do que é modelar, e ele é, mas na verdade também temos que deixá-lo de lado para seguir nossos próprios caminhos. Em meu último livro a respeito da história do Coronel Agostinho Junqueira, eu cito o livro *Um hectare em Poços de Caldas*, quando ele faz uma referência a uma boiada conduzida pelo avô do meu personagem, é belíssima! Ele consegue escrever realmente como podemos sentir, praticamente dá para sentir o ruído da boiada, o patear, você vê a poeira passando pela Rua Assis Figueiredo; a descrição dele era perfeita, seu domínio e sua percepção são admiráveis, um modelo de escritor, portanto, sempre estamos um pouco abaixo de alguém assim. Foi enterrado numa tarde de chuva, vestido com um paletó formal, um fidalgo! Não tinha nenhuma crença religiosa, era um homem idealista que nunca cedeu aos princípios atuais da sociedade, a ele bastava ser e não aparentar, enfim... toda vez que ia me visitar levava rosas amarelas para minha esposa”.

Outro dia, já à noitinha, fui ao apartamento das senhoras Olga e Beatriz Monteiro, que me receberam com grande entusiasmo e assim falaram do Jurandir. A Sra. Olga iniciou enfatizando a honestidade de Jurandir: “integrou muito bem a nossa família, casou-se com minha prima e assumiu a família toda. Tinha uma pose natural que talvez afastasse as pessoas, mas não era formal na intimidade, era bem-humorado. A juventude ia atrás dele e ele tinha paciência, tanto que tinha um amigo jovem, o João Francisco, os dois iriam viajar juntos para São Paulo antes do Jurandir falecer. Se fosse brindar, o Jurandir chamava a faxineira e a lavadeira, quem quer que fosse, não fazia distinções assim. Um outro aspecto é a amizade que ele tinha com o Antônio Cândido, não apenas de companheirismo e amizade, mas literário. Uma amizade sólida, pois ambos possuem uma simplicidade similar. Da última vez que estivemos na casa do Antônio Cândido ríamos muito dele lembrando dos bailes antigos. Era uma afinidade intelectual, acho que o Jurandir era o maior parceiro do Antônio Cândido em

Poços”. A Sra. Beatriz lembrou que Jurandir havia vendido a casa para não se lembrar da esposa, pretendia passar o natal em um apartamento menor e também lembra da doação feita à Casa de Cultura pelas mãos de Doutor Cauby da biblioteca pessoal de Jurandir após seu falecimento, e a Sra. Olga complementou dizendo que gostaria de ter tido tempo de selecionar o que foi, mas que o desespero não havia permitido. Ambas as entrevistadas também falaram das preferências literárias de Jurandir, como por exemplo o poeta Vicente de Carvalho. Mais adiante na entrevista elas trataram de fatos passados ocorridos, de caráter mais pessoal.

Quanto à carta datilografada que recebi de Antônio Cândido, esta veio rica de informações; teria vindo mais se na ocasião eu tivesse mais maturidade nas questões. A primeira questão pedia que ele falasse de sua relação com a cidade de Poços de Caldas e de sua família: “Meu avô materno, José Tolentino, médico no Rio, foi um dos sócios da Empresa que arrendou do governo de Minas a exploração das águas de Poços de Caldas, e que transformou o pequeno povoado em estação termal a partir de 1882. Ele morou em Poços com a família no período em que foi diretor, nos anos de 1880 e, depois, de 1891 a 1896, quando terminou a construção do segundo balneário (Macacos), vendeu as suas ações (era o maior acionista) e voltou ao Rio, morrendo logo depois. Minha mãe nasceu em Poços no ano de 1893. Por coincidência, quando o governo de Minas resolveu explorar diretamente as águas e efetuou a grande transformação na cidade a partir de 1926, sob a direção de Carlos Pinheiro Chagas, meu pai, Aristides de Mello e Souza, que clinicava na sua terra, Cássia, no Sudoeste de Minas, foi contratado para dirigir os novos serviços termais, de modo que veio a fazer mais ou menos o mesmo que meu avô fizera em caráter privado. Ele dirigiu as termas de 1930 a 1936 e a seguir voltou à clínica particular. Chegamos a Poços em janeiro de 1930, ele morreu no começo de 1942, mas conservamos a casa e sempre a frequentamos, até vendê-la em 1989, tendo-a, portanto, ocupado por quase sessenta anos. Como vê, a nossa ligação com Poços durou mais de um século”.

A questão seguinte era descrever a visão de Poços de Caldas em seus vários aspectos quando ele ali tinha vivido: “Poços era uma pequena cidade encantadora quando chegamos. Tinha 12 mil habitantes e um ritmo agradável: nos meses de ‘estação’, quando vinham os ‘banhistas’, como se dizia, ficava movimentada, cheia de gente de fora, figurões, grã-finos, moças e rapazes alegres que enchiam os hotéis, dançavam, passeavam. O jogo movimentava tudo, havia orquestras e salas de baile, concursos hípicas, corridas de automóveis, etc. Isso, mais ou menos de dezembro a abril. No resto do ano, pouco movimento, vida pacata, num ambiente bonito entre os morros. Era um mundo incomparável para jovens como eu e meus

amigos, mas para os pobres podia ser muito duro nos meses do chamado ‘intervalo’, quando os que viviam do movimento de forasteiros ficavam sem meios de ganhar a vida. Nós tínhamos em casa um termômetro disso, pois então apareciam meninos e rapazinhos pedindo alimento e minha mãe lhes fornecia diariamente de 6 a 8 almoços servidos no terraço. Mas quando começava a ‘estação’ e suas oportunidades, todos desapareciam e só voltavam no próximo ‘intervalo’”. Perguntei se viver em Poços havia influenciado a sua carreira acadêmica, e se sim, como: “Para mim, viver em Poços foi, antes de mais nada viver na casa de meus pais, retirada então do centro, favorável ao tipo de vida que levávamos, com poucas relações e muito convívio íntimo. Meus pais tinham uma biblioteca (em parte doada para a Faculdade de Poços) e se preocupavam em nos iniciar nos conhecimentos literários, históricos e científicos. Além disso, havia na cidade uma livraria notável, a Vida Social, na rua Bahia, atual Prefeito Chagas, onde era possível comprar não apenas livros brasileiros, mas também franceses e ingleses. Era uma verdadeira mina, porque meu pai nos deixava comprar à vontade. Devo dizer também que o colégio onde estudamos, e depois foi dado aos maristas, era modesto, mas estimulante, e nele tive alguns ótimos professores, dos quais quero mencionar Edmundo Gouveia Cardillo, grande mestre do português, e dona Maria Ovídia Junqueira, senhora de grande cultura, que me iniciou na bibliografia de língua inglesa e exerceu sobre mim grande influência. A minha adolescência em Poços foi muito agradável. E até 1989 a nossa casa continuou para mim um lugar de estudo e trabalho intelectual, com a sua biblioteca e por assim dizer a inspiração de meus pais. Como eu passava nela as férias e ia frequentemente durante o período letivo, às vezes todos os fins de semana, creio que, somando tudo, ficava anualmente em Poços de 3 a 4 meses”. A outra questão era relativa à casa tratada no trecho acima, situada na Rua Capitão Afonso Junqueira e sua demolição; perguntei o que ele pensava disso: “Soube da demolição e não fiquei abalado. Ela estava tão maltratada e desfigurada, que quando recebi a notícia senti certo alívio, como se fosse a morte libertadora, pondo um término ao seu martírio”.

A entrevista tinha dois pequenos blocos; no segundo, perguntei sobre a relação de Antônio Cândido com Jurandir: “Lembro de Jurandir desde 1930, quando fomos morar em Poços. Ele trabalhava na Farmácia Santa Teresinha, de Marinho Mourão, na Rua Junqueiras, e logo depois fundou a Farmácia Rosário, na rua então denominada Paraná, atual Assis Figueiredo, esquina de Pernambuco. Mais tarde vendeu-a e estabeleceu um laboratório de análises. Durante muito tempo só o conheci de vista, inclusive porque era bem mais velho do que eu. Guardo a lembrança de ver na rua um rapaz discreto, de ar severo e concentrado,

muito elegante, vivendo meio à parte com a sua senhora, a benemérita Elza Monteiro Ferreira. Lembro também que sempre teve preocupação com assistência social, tanto mais que idealizou a Gota de Leite, ideia assumida pelo prefeito Figueiredo e realizada a seu pedido por dona Maria Ovídia Junqueira à frente de um grupo de senhoras, entre as quais minha mãe, Clarice Tolentino de Mello e Souza. Mais tarde Elza e Jurandir criaram o S.O.S., organização que foi realmente exemplar. Só comecei a ter relações com eles quando minha família já não morava na cidade, depois da morte do meu pai em 1942. Creio que Elza e Jurandir se interessaram por mim quando me tornei crítico literário da *Folha da Manhã*, em 1943. Nas férias de julho de 1944 me procuraram e a partir de então formamos uma boa amizade, que durou enquanto viveram, com muito afeto recíproco. Eu os via geralmente nas estadias mais longas do período de férias. Devo dizer que essas relações tinham um precedente: o maior amigo de Jurandir, se não me engano, foi meu primo João de Mello Macedo, bom poeta e seu colega de Faculdade de Farmácia de Pouso Alegre. Por falar em parentesco, acho oportuno dizer que Jurandir tinha um primo muito culto e inteligente, Leopoldo Ferreira, que morreu relativamente moço. Com pseudônimo de Leo Ferrer, ele fazia semanalmente uma crônica denominada “Prosa Bárbara” no jornal *Revista de Poços de Caldas*. Isso foi na primeira metade dos anos de 1930”. Na questão que segue, solicitei que falasse do Jurandir, pessoa, amigo: “era um homem finíssimo, discreto, que ouvia com muita deferência e falava de maneira natural, pausada e generosa. Era de aspecto tranquilo e equilibrado, mas de temperamento forte, e muito decidido quando se tratava de afirmar os seus pontos de vista. Amava profundamente a sua cidade e procurava defendê-la pela ação e a escrita sempre que houvesse ameaça à sua integridade e ao teor da sua vida. Assim foi que escreveu com veemência contra o teleférico, o calamitoso e acintoso monotrilho, o abuso desnecessário de prédios altos e muita coisa mais, como se pode ver nas suas crônicas. O seu convívio era um raro prazer”.

Gostaria de conhecer quais teriam sido os motivos que levaram o governo municipal a permitir em Poços de Caldas a construção do arranha-céu, quando são evidentes as razões que levam a desaconselhar em uma estância de cura, com sua fisionomia urbana bem definida e planejada, a construção de edifícios desenhados para “metrópoles tentaculares”. [...]gosto desta cidade onde afinal eu tive a sorte de nascer. E queria que esta doce e intraduzível emoção que ela causa ao espírito de todo mundo não fosse destruída e anulada por bizarrices de urbanistas, por interesse comercial de empresas ou, simplesmente, por nada. O encanto de Poços de Caldas é uma riqueza do Brasil, um patrimônio da espécie humana. Precisa ser defendido. Eis a razão desta minha rápida conversa com o leitor (FERREIRA,1991, p.17-18).

A questão seguinte pedia para que falasse do Jurandir escritor: “era um mestre da língua. Pouca gente a usou tão bem, com tanta correção, elegância e expressividade. Pertencia à família dos buriladores, que consagram um esforço tenaz para conseguir a expressão exata e bem torneada. Isso tinha raízes na sua extensa cultura, começada desde muito moço e desenvolvida pela vida afora por meio de leituras constantes. A sua obra tem vários aspectos e vários níveis. Eu diria, simplificando, que foi poeta e romancista apreciável, contista de muita qualidade e verdadeiro mestre da crônica. Creio que uma de suas forças foi não ter ficado escravo das modas literárias. Ele formou a sua maneira própria desde bem moço, com base nos escritores clássicos e nos que eram modernos no começo do século. Por meio deles forjou um estilo sem compromissos de escola, capaz de manifestar a sua visão do mundo e dos seres”. A questão seguinte indagava quais livros de Jurandir Antônio Cândido considerava mais valiosos do ponto de vista literário: “acho as crônicas a sua produção mais sólida. A crônica é um gênero muito brasileiro, com praticantes de alta qualidade, desde Machado de Assis e Olavo Bilac até Rubem Braga e Rachel de Queiroz, sem falar nos grandes poetas modernistas: Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Carlos Drummond. Jurandir se enquadra honrosamente nessa linha, porque soube usar a nota breve para transmitir mensagens condensadas, elegantes e sugestivas. Neste terreno, repito, é de fato magistral. Essas observações sugerem que se realizou melhor nos textos curtos, de maneira que não espanta o fato de ter tido mais êxito no conto que no romance. O romance requer fôlego mais extenso e pressupõe um acúmulo de informação que colide com o seu gosto pela síntese e o golpe de vista rápido. Embora haja muitas qualidades em livros como *O céu entre as montanhas* e *Telêmaco* (sendo o primeiro um retrato ficcional de Poços), *Um ladrão de guarda-chuvas* me parece a sua melhor obra nesse gênero, justamente porque é mais um conto longo de que romance propriamente dito. Creio que como ‘Noite de Natal’, que tirou prêmio no concurso de contos do Paraná e está no volume *Saia branca*⁴”.

Se fosse estabelecer um paralelo entre o Jurandir e outro representante da literatura brasileira, com qual seria? “É difícil dizer. Talvez as suas afinidades sejam com escritores mineiros que são, como ele, sóbrios, corretos e buriladores, caracterizados por uma sabedoria que faz evitar os extremos e contemplar a vida de um ângulo meio desencantado, como Godofredo Rangel, Eduardo Frieiro, Ciro dos Anjos”. O que Poços poderia fazer para prestar um justo reconhecimento a Jurandir? “Jurandir foi um dos poços-caldenses que mais fizeram

⁴ Em 22 de fevereiro de 1973, escreveu Érico Veríssimo a Jurandir: “Lendo as excelentes histórias de *Saia branca*, ouvi a sua voz, vi sua face, tive também comigo a presença de sua senhora, naquela curta mas para mim inesquecível, deliciosa visita a Poços de Caldas”.

para exprimir e defender a realidade própria da cidade. Ele merece o reconhecimento coletivo e o seu nome deveria ser dado a uma instituição cultural ou educacional, a uma rua, a um prêmio, etc. Coisas assim. Sem falar que merece um busto, como seu padrinho Pedro Sanches de Lemos, figura tutelar da cidade”. E segue: “Quanto a quem deseja estudar, como você, a análise dos livros se impõe, porque Jurandir foi um dos raros escritores a captar a atmosfera das estações de água, como fez João do Rio em *Correspondência de uma estação de cura*⁵. Valeria a pena comparar a vida descrita, por exemplo em *O céu entre montanhas*, com o ritmo atual do turismo caldense”.

Por último, trato daquela que na realidade foi a primeira das entrevistas, a de dona Graciema Ferreira. Em muitas ocasiões desliguei o pequeno gravador, ou desconsidereei na transcrição a fala, pois se tratava de um depoimento cuja veia principal seria emotiva; poder ouvi-la sem que possa vê-la novamente ainda permanece como um suave e alegre momento em que eu estava diante de uma festiva amizade que, para minha sorte, duraria mais alguns anos. Suas falas ultrapassariam os limites de páginas, seguem pequenos trechos: “Jurandir foi muito bom para mim. Foi um bom filho, um bom irmão, e um bom amigo. Víamo-nos todos os dias. Só se lucrava na companhia dele. Onde é a Farmácia Rosário era nosso, toda a área em torno da Assis Figueiredo, quase o quarteirão; meu pai cedeu uma porta para o Jurandir. Ele comprava cinquenta litros de leite, depois de ter feito um levantamento da mortalidade infantil na prefeitura. Depois a quantidade de gente foi aumentando; ele não teve mais condições e solicitou auxílio da prefeitura...”. Dos livros, disse que quando escrevia algo diferente, pedia opinião para ela, e fazia o mesmo com as irmãs Olga e Beatriz Monteiro, por serem muito cultas. “Eu sei, fiz o que pude para ele, morreu comigo! Às cinco horas, a enfermeira o acordou, deu remédio, eu ainda falei coitado, dormiu tão tarde e ela disse que era necessário. Ele acordou, tomou o remédio e encostou, às seis e pouco acordei após um cochilo, vi que estava muito quieto, acho que ele dormiu e morreu, até para morrer ele teve classe. Sem agonia e com classe, como ele sempre teve. Muito escrupuloso, morreu como um lorde. Era um lorde inglês, tinha classe, elegância, dignidade, sempre falava isso para ele, a figura dele era a de um aristocrata, minha mãe toda a vida dizia que ele era diferente, e era

⁵ Saída do prelo em 1918, nesta obra de João do Rio os personagens se correspondem de forma descritiva numa sequência de cartas e bilhetes; da correspondência de Teodomiro Pacheco ao Senhor Godofredo de Alencar: “Vou todas as manhãs a Macacos ou às Thermas. Os banhos aí são dados em antiquíssimas banheiras de pau e de cimento, cuja higiene, se não fosse a água sulfúrica, deixaria muito a desejar. Mas aí as horas de banho reúnem batalhões de todos os hotéis, dos variados hotéis, pensões, hospedarias da cidade de cura. E eu tenho o prazer macabro de desiludir-me, de ver a intimidade de uma porção de desconhecidos” (RIO, 1992, p. 58).

mesmo... não deu problema nem na hora de morrer, assim quero morrer”.No conto “O gentil-homem Leopoldo Genofre” se lê:

Meu pequeno mundo vai se desgelando aos poucos sob o lívido sol da morte e a cada ano que passa é menor a ilha humana em que flutuo na glacial correnteza do tempo. [...] Há tantos que ainda amo e ainda vivem. Mas os que me faltam diminuem a luz, a beleza e a dimensão dos meus horizontes. A todos eles me ligavam laços vários, a todos eu devia um pouco da minha própria existência (FERREIRA, 1991, p. 187).

Breves considerações

Agraciado com a longa existência de 92 anos, em seu conto *Três mortes em Junho* Jurandir escreveu que “na medida em que se sucedem os anos você se sente como uma árvore, as raízes cada vez mais numerosas, cada vez maiores, cada vez mais agarradas ao chão” (FERREIRA, 1991, p.207).Em *O tocador de requinta* ele nos expressa,muitos anos antes, suas impressões da hora da partida no poema “Mercado”, vindo a falecer em 14 de dezembro de 1997. Dez anos antes, havia registrado no cartório de ofícios seu *O testamento – Últimas vontades*, onde prescreve suas “disposições que peço sejam observadas pelos que houverem por bem cuidar do arremate dos meus negócios neste mundo quando chegar o dia”. Afirma aprovar a eutanásia e roga para que seja aplicada se necessário, para a redução das “mútuas penas”. Exige um funeral extremamente simples, sem velório e marcado pelo silêncio. Declara como seus maiores bens seus livros, inclusive os textos originais, não editados; fala de seu afastamento da vida religiosa, e entre seus últimos desejos pede que “não haja missas” e solicita ainda outros aspectos que simplificam os ritos fúnebres. Uma saída breve de cena, do observador aguçado do cotidiano e do autor das críticas viscerais e certeiras que acreditava na força da boa índole, como no conto “O que rato não corrói”: “A força real e verdadeira está no coração e na palavra dos bons. Com ela todos os prodígios são realizáveis. Até mesmo esse milagre de salvar o Brasil, tão inverossímil, tão escandaloso, mesmo como simples enunciação de uma probabilidade remota” (FERREIRA, 1991, p.36).

A vida era bela antes de a modernidade chegar, não essa modernidade do XIX, mas a do XX; como descrita pelas crônicas de Jurandir, a saga cotidiana não precisa de tanta imaginação, mas a pintura própria dos cenários requer do leitor uma compreensão de um processo histórico e incômodo a esse coração do escritor. Existe ainda todo um universo de esperanças antes do advento da realidade cambiante e cada vez mais moderna. Nessa realidade a esperança começa a ser gasta porque a cidade começa a sofrer os danos de um

disparatado progresso. A cidade de suas crônicas apresentou o sentido de sua “modernidade”, associada ao mundo do momento que adquire velocidade para atingir forma alicerçada nas noções de progresso e civilização, conceitos que começaram a ser amplamente difundidos e teorizados na Europa ocidental desde os meados do século XVIII até a década de 1890.

Jurandir tinha cismado com a maneira de evitar que fizessem muitas estripulias com a cidade de suas narrativas; ele nos oferece as coordenadas que o definem no espaço de sua existência, a crítica ao desrespeito estético da beleza não material, mas materializada no que é essencial. Sua escrita valeu-se das pessoas observadas e sentidas por um breve momento, aquelas pessoas que no espaço-tempo curto não podem ser expressas senão por este narrar de sua passagem, daquela ferroada brusca na cabeça que trouxe à luz a percepção da existência do outro. É na quietude que a beleza fala das coisas comuns. Jurandir Ferreira é o homem que atravessa a modernidade, sem ignorá-la em sua escrita, com seu olhar astuto e desacelerado, ainda despreocupado com a temporalidade da análise, percebendo nela os aspectos positivos e negativos, não somente nas imagens de sua sensibilidade literária, mas nas condições aplicadas ao ser humano, neste caso o habitante de sua cidade natal e querida, Poços de Caldas, que sem sombra de dúvida é um personagem de sua obra literária. Há muito pouco nestas linhas; mais há nas muitas páginas da obra de Jurandir, que merece ser reverenciada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CÂNDIDO, Antônio. *Jurandir Ferreira*. [ago. 2001]. Entrevistadora: L.M.Z. Poços de Caldas/São Paulo, 2001. 1 carta de seis páginas datilografada.

FERREIRA, Jurandir. *O céu entre as montanhas*. São Paulo: Martins, 1948.

_____. *Telêmaco*. São Paulo: Saraiva, 1949.

_____. *Saia branca*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

_____. *O tocador de requinta: poemas*. Minas Gerais: Candeias, 1975.

_____. *A visita*. São Paulo: Ed. do Escritor, 1977.

_____. *Da quieta substância dos dias*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1991.

_____. *Um hectare em Poços de Caldas*. Poços de Caldas: Prefeitura Municipal, 1996.

FERREIRA, Graciema. *Jurandir Ferreira*. [mar. 2001]. Entrevistadora: L.M.Z. Poços de Caldas: Residência da entrevistada na Rua Assis Figueiredo, 2001. 2 cassetes sonoros.

FERREIRA, Benedicto Cauby. *Jurandir Ferreira*. [abr. 2001]. Entrevistadora: L.M.Z. Poços de Caldas: Residência de Graciema Ferreira na Rua Assis Figueiredo, 2001. 1 cassete sonoro.

FRAYHA, Resk. *Jurandir Ferreira*. [abr. 2001]. Entrevistadora: L.M.Z. Poços de Caldas: Chalé dos Frayha, 2001. 1 cassete sonoro.

LOPES, Chico. *Jurandir Ferreira*. [maio 2001]. Entrevistadora: L.M.Z. Poços de Caldas: Café do Ponto, 2001. 1 cassete sonoro.

MONTEIRO, Olga e Beatriz. *Jurandir Ferreira*. [maio 2001]. Entrevistadora: L.M.Z. Poços de Caldas: Residência das entrevistadas na Rua Rio Grande do Sul, 2001. 1 cassete sonoro.

MOURÃO, Benedictus Mário. *Jurandir Ferreira*. [jun. 2001]. Entrevistadora: L.M.Z. Poços de Caldas: Residência do entrevistado no Jardim dos Estados, 2001. 1 cassete sonoro.

MORAES, Marcos Vinícius de. *Jurandir Ferreira*. [jun. 2001]. Entrevistadora: L.M.Z. Poços de Caldas: Rua Prefeito Chagas, sede da Academia Poços-caldense de Letras, 2001. 1 cassete sonoro.

RIO, João do. *A correspondência de uma estação de cura*. Rio de Janeiro: Scipione, 1992.

VERÍSSIMO, Érico. *Carta a Jurandir Ferreira*. Porto Alegre, 22 de fevereiro de 1973.